

Assmann acha plano irracional

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), Plínio Assmann, considera irracional o programa de ajustamento interno e externo da economia brasileira, balizado no corte indiscriminado dos gastos do setor público, o que torna inviáveis estatais em franca expansão da produção e das exportações. Na opinião de Assmann, se os credores externos impusessem ao Brasil as mesmas restrições impostas pelo governo a todas as estatais, o País também inviabilizaria a rolagem de sua dívida e chegaria ao impasse nas negociações com o sistema bancário.

Os termos do programa de ajustamento não convencem o presidente da Cosipa: "O Fundo Monetário Internacional (FMI) não diz que o nó da economia brasileira é o déficit público". Embora a redução do déficit público seja desejável, Assmann argumenta que essa meta pode ser compatível com o aumento da receita e não apenas com o corte drástico das despesas e cita o caso de sua empresa: "A Cosipa não pressionou o déficit público ao buscar o aumento da produção e das vendas aliado a maior controle das despesas de custeio e de investimento. Ao contrário

do que pode provocar as restrições generalizadas do governo, a Cosipa não parou a produção, manteve o nível de emprego e fugiu do agravamento da recessão econômica do País".

Assmann já qualifica de ilógico a Cosipa interromper, há dois anos, o seu programa de investimentos para cumprir 90% do plano de expansão em vigor: "Infelizmente, a interrupção veio quando o programa de investimentos estava quase no final". Mas, agora, ele vê o perigo das restrições aos gastos públicos, sobretudo via corte no acesso às fontes de financiamento — a Resolução nº 831 do Banco Central determina redução contínua, até o final de 1984 do saldo real dos empréstimos bancários ao setor governamental — atingir as operações normais de estatais produtivas.

Sem esconder desânimo, o presidente da Cosipa acredita que o próprio governo não sente as reais repercussões da Resolução nº 831 do Banco Central "e logo verá que a falta de acesso a fontes de financiamento levará empresas como a Cosipa à inviabilidade". Por isso, adverte: "Antes que os limites decrescentes de financiamentos ao setor público atinjam o programa de exportações

das estatais produtivas, o governo deve encontrar forma melhor para o equilíbrio entre o ativo e o passivo destas empresas".

O próprio Assmann indaga: "No caso da Cosipa, não interessa mais a geração de emprego e aumento da riqueza nacional decorrentes de sucessivos recordes de produção do que a posição maniqueísta de corte puro e simples nas despesas?" Lembrou que a Cosipa só vem investindo em pequenas obras, justamente voltadas para a redução de custo de produção e de melhoria de qualidade do produto.

Assmann ressaltava ainda que, graças à alta qualidade de seus produtos, a Cosipa deve alcançar, este ano, a posição de oitavo exportador brasileiro e a liderança no setor siderúrgico, com a elevação da receita cambial de US\$ 200 milhões, em 1982, para US\$ 250 a 300 milhões, este ano. Também por competir pela qualidade e não pelo preço a Cosipa já conseguiu avançar nas negociações com o departamento do comércio norte-americano — o segundo mercado para os produtos da empresa, após a China — e mostrar que as acusações de **dumping** das indústrias dos Estados Unidos não procedem.